

## O BENZEDOR DE ESPINGARDA: UM OLHAR SOBRE A CULTURA AMAZÔNICA

### O BENZEDOR DE ESPINGARDA: A LOOK AT AMAZON CULTURE

**Marcos Paulo Torres PEREIRA**

marcospaulo@unifap.br

Doutorando em Teoria e História Literária

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Campinas, São Paulo, Brasil

Prof. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) Macapá, Amapá, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7467826617837279>

**Hozana de Araújo ALVES**

zanaaraujoalves@gmail.com

Especialista em Estudos Culturais e Políticas Públicas

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) Macapá, Amapá, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8285656790982245>

#### RESUMO

Este artigo se dedica à análise do conto de Paulo Tarso Barros “O Benzedor de Espingarda”, a fim de compreender como sinais religiosos, culturais, de tradição e de memória forem empregados à tecitura de uma identidade narrativa que cristaliza a mentalidade do homem amazônico. Para tanto, municiamo-nos dos escritos de Clifford Geertz (1997; 2008), Stuart Hall (1997; 2000), Homi K. Bhabha (2013) e Paul Ricoeur (1997; 2006; 2014), entre outros, seguindo o fio de que o fato narrado pelo autor, capturado pela efabulação, fora ressignificado em imaginário e em intriga narrativa, numa enunciação responsável por tornar a prática de benzedura numa releitura do que há de humano nessa tradição, constituindo relações e significados do sujeito em contextos religiosos e culturais que legitimam e difundem não somente a prática, mas todo o campo simbólico que esta coaduna.

**Palavras-chave:** Benzedores. Catolicismo popular. Religião e religiosidades. Identidade narrativa.

#### ABSTRACT

This article is dedicated to the analysis of Paulo Tarso Barros' short story “O Benzedor de Espingarda” (The healer with a shotgun), to understand how religious, cultural, traditional and memory signs were first used in the construction of a narrative identity that crystallizes the mentality of the Amazonian man. For that, we use the writings of Clifford Geertz (1997; 2008), Stuart Hall (1997; 2000), Homi K. Bhabha (2013) and Paul Ricoeur (1997; 2006; 2014), among others, following the train of thought that the fact narrated by the author, captured by the fable, was resignified both in imaginary and in narrative intrigue, throughout an enunciation responsible for making the practice of the benzedura (traditional healing) a reinterpretation of what is human about this tradition, constituting relationships and subject meanings in religious and cultural contexts that legitimize and disseminate not only the practice, but the entire symbolic field that it supports.

**KEYWORDS:** Healers. Popular catholicism. Religion and religiosities. Narrative identity.

*Não se tornam as vidas humanas mais legíveis quando são interpretadas em função das histórias que as pessoas contam a seu respeito? (Paul Ricoeur)*

## INTRODUÇÃO

Este artigo se dedica à análise do conto de Paulo Tarso Barros “O Benzedor de Espingarda”, publicado em 1993, “por ocasião do I Concursos de Contos das Universidades do Norte, promovido pela Universidade Federal do Pará” (LOPEZ, 2001, p. 111, grifo do autor), a fim de compreender como sinais religiosos, culturais, de tradição e de memória forem empregados à tecitura de uma identidade narrativa que cristaliza a mentalidade do homem amazônico.

A obra, que fora laureada com o terceiro lugar no concurso, apodera-se destes sinais numa íntima ligação entre identidade e imaginário, ressignificada através da prática de benzeduras, na interpenetração da história e da ficção ulterior à identidade narrativa, que tomamos como referencial teórico à interpretação de subjetividade manifesta mediante a identidade reflexiva que se apresentaria maturada em alteridade, ressignificada na esfera de representação simbólica dos benzedores amazônicos – comunidade reconfigurada em sujeito na narrativa –, que foram relidos no contexto sócio-histórico, cultural e econômico como referenciação que influencia a organização da intriga deste conto.

O protagonista da história, João Damasceno, descobrira ao acaso o dom de “benzer” quando se propusera a ajudar a um amigo, Zé Ovos, que se queixara que suas terras vinham sendo invadidas por um animal misterioso que estava devastando suas plantações. O amigo insistia que muitas foram as armadilhas montadas, muitas as tentativas de captura, contudo todas haviam falhado. João Damasceno então lhe interrompe e se impõe ao auxílio, propondo-se a combater o azar que sobreviera às armadilhas, para tanto municiara-se da espingarda – que seria benzida –, de alguns galhos de vassourinha, e de uma oração poderosa que combateria o mau-olhado que se pusera sobre os negócios de Zé Ovos. O ritual praticado por João Damasceno funcionara, pois à noite o animal, um veado, não conseguira escapar da cilada montada.

Se, como afirmam Reis e Pereira (2020, p. 276), “os aspectos religiosos e culturais no contexto amazônico são complexos, plurais e fragmentados”, então buscar refletir sobre a construção de uma identidade narrativa ribeirinha amazônica cristalizada no conto de Paulo Tarso

Barros<sup>1</sup> torna-se relevante estudo, pois o ato de benzedura evocado como manifestação cultural toma desses contextos, desses variados elementos compartilhados, apropriados e ressignificados em órbitas de sentido à percepção de vida e morte, à percepção de cura e de proteção, no ato de desmistificação de olhares sobre a cultura local, porque se pauta um discurso identitário que, por sua natureza, seria multívoco pelas vozes que coaduna, que retrata uma realidade local balizada pelo dístico “cultura/crença” compartilhada pelo grupo social do qual fazem parte esses sujeitos.

Nesse sentido, buscamos contribuir com o debate acerca de identidade<sup>2</sup> mediante a compreensão de que toda identidade é, em essência, uma narrativa de si (RICOEUR, 2014), por isso os questionamentos de como a identidade narrativa<sup>3</sup> efabulada no conto representa a figura do benzedor e de como esta identidade ganha novas significações quando lidas sob perspectivas culturais, históricas e socioculturais nortearam nossa pesquisa. Para tanto, fez-se necessário que

1 Paulo Tarso de Barros se considera um ribeirinho por ter nascido às margens do Rio Mearim que banha sua cidade natal, Vitória do Mearim, no Maranhão. Hoje, Macapaense de coração, se reconhece como ribeirinho amazônico, pela simbólica que o Rio Amazonas despeja no *animus* da comunidade. Esta identidade é ressignificada e tornada matéria literária em suas histórias e o conto que tomamos como *corpus* deste estudo, “O benzedor de espingardas”, que faz parte de uma coletânea de outros contos ajuntados com o mesmo título, torna-se exemplo de como o autor se apodera do viver comum, de suas experiências e, movido por uma pulsão de ficcionalização, ficcionaliza as histórias de sua coletividade. Em entrevista concedida a Júlio Miragaia, Barros (2019) definiu a coletânea “O benzedor de espingardas”: “são contos da minha infância, pessoas que eu conheci realmente, que me contavam histórias. É um livro sobre contadores de história. Os dois personagens do livro, o Manecão e o João Damasceno, eram contadores de história, daqueles que contavam histórias, pegavam e mudavam a história e me fascinaram na infância”.

2 O conceito de identidade se traduz como um mosaico, como esferas de representação nas quais sinais étnicos, sociais, históricos, geográficos, culturais, religiosos, dentre outros, eleitos de forma subjetiva (porquanto submetidas à apreciação e à aprovação), refletem a imagem que os indivíduos fazem de si mesmos e de seu lugar na sociedade, possibilitando aproximação por similitude e pertencimento àqueles que se reconhecem mutuamente nas mesmas esferas de representação e distinção àqueles que não se reconhecem. A identidade se caracteriza como entidade abstrata, porém indispensável como convenção social (uma convenção socialmente necessária), como ponto de referência, pois se torna “abrigo” para os indivíduos nas relações e inter-relações sociais, numa essência utilitária na qual se agregam inúmeros expositores de referência. (PEREIRA, 2017, p. 50).

3 “A identidade narrativa, que se pode atribuir a um indivíduo ou a uma comunidade, é conceito cunhado por Paul Ricoeur (1997) que se instaura na percepção de que o *eu* não pode existir sem que sofra a ação do tempo, pois a concepção de uma identidade estável constituída por um *eu* permanente e imutável seria uma impossibilidade. A identidade narrativa se trata da expansão de um si mesmo reflexivo, numa dialética do entrecruzamento que a um só tempo apresenta aquilo que é e aquilo que poderia ser, em mediação entre o mundo do texto e o mundo do leitor, entre história e ficção, numa identidade de si constitutiva de subjetivação que se permite interpretá-la (o sujeito/a comunidade) na mudança, na inserção de uma história, em transformações actanciais, incluindo esta mutabilidade (ipseidade) na promessa de coesão de uma vida (mesmidade). Ricoeur a define como rebento oriundo da história e da ficção, porque neste entrecruzamento dialético a perspectiva da história ficcionalizada refigura o real pelas amarras da intriga, buscando o traço de organicidade e de organização da narrativa, humanizando o tempo porque se lhe atribui sentido, enquanto a perspectiva da historicização da ficção requer que o leitor imagine seu mundo como se fosse o mundo do texto, a fim de se refigurar sua experiência”. (PEREIRA, [2021?]).

tomássemos os escritos de Clifford Geertz (1997; 2008), Stuart Hall (1997; 2000), Homi K. Bhabha (2013) e Paul Ricoeur (1997; 2006; 2014), entre outros, seguindo o fio de que o fato narrado pelo autor, capturado pela efabulação, fora ressignificado em imaginário e em intriga narrativa, numa enunciação responsável por tornar a prática de benzedura numa releitura do que há de humano nessa tradição, constituindo relações e significados do sujeito em contextos religiosos e culturais que legitimam e difundem não somente a prática, mas todo o campo simbólico que esta coaduna.

Seguindo Ricoeur (1997), compreendemos que os conceitos de “identidade” e “narrativa”, bem como as teorias ligadas a estes, se tornam necessárias à interpretação de o quanto o conto carrega do *animus* amazônico, porque se de um ponto a mesmidade<sup>4</sup> do amazônico se estabelece em seus rituais e crenças, na sua relação com a fé e o metafísico, numa promessa identitária, a intriga do “benzedor de espingardas” matiza uma ipseidade no deslocamento de subjetividades nas experiências demarcadas pelo tempo. O autor, assim, faz uso da ideia de mesmidade quando representa a figura do benzedor, trazendo para o texto o campo simbólico ulterior ao “dom” de benzer (uma permanência de credo e de ritos) e da ipseidade quando representa a nova interpretação de si que João Damasceno passa a ter por intermédio da mobilização da intriga que gerou deslocamento de subjetividade.

Para construção da identidade narrativa de João Damasceno como sujeito social e como sujeito de si para si, mobilizada pela intriga do conto, os recursos imanentes ao narrar (Quem fala? Quem age? Quem se narra? O que se narra? Quando e para quem se narra? Por que se narra?...) são empregados como caracterizadores à identidade, pois desses emergem reflexões sobre a cultura amazônica, sobre a literatura regional, sobre as crenças ribeirinhas e da floresta, sobre hibridação e mestiçagem<sup>5</sup> no contato e na formação de mentalidades, sobre memória e

4 Para Ricoeur (1997) a mesmidade se estabelece como a percepção de uma identidade de caráter imutável, uma compreensão de si construída através de uma acepção totalizante, porquanto uma promessa de que o sujeito é o mesmo em todos os momentos em que torne o olhar para si. A ipseidade, por sua vez, se constitui numa identidade balizada pelo tempo, pelas mudanças que o sujeito pratica e sofre nas inter-relações com o outro, com o meio, com o tempo... o sujeito, ao tornar o olhar para si em tempos distintos, vê-se como diferente em cada um deles.

5 Seguimos aqui o conceito de mestiçagem postulado por Serge Gruzinski (2001), que em “O pensamento mestiço” interrelaciona a mestiçagem de práticas e crenças e a mistura de corpos, que o contato entre povos não passa inalterado porque sempre deixa marcas que dificilmente podem ser determinadas quanto ao seu início e fim. No contato entre povos (fronteiriços, por colonizações etc.), o contato de corpos geraria sistemas de representação mestiços ligados ao modo como as sociedades percebiam, memorizavam e comunicavam aquilo que concebiam como realidade.

rememoração (de forma consciente e inconsciente nas práticas e nas experiências narradas). Tomando as palavras de Bhabha (2013, p. 297), entendemos que através da ação performativa<sup>6</sup> expressa nas práticas de benzedura do conto se promove uma constante reinterpretação dos símbolos amazônicos, “que faz do povo sujeito da reposição viva e permanente do desígnio comum”. Desse modo, a ação performativa traria uma nova percepção de identidade narrativa como forma de compreensão de significações balizadas em práticas que atravessam as representações de si para si e de si para a coletividade na tradição ribeirinha amazônica.

O objetivo que norteou nosso estudo era interpretar os liames de uma referência identitária dos benzedores da Amazônia dentro do texto literário, interpretar o sujeito que ocupa um lugar histórico e social constituído, pois se “os aspectos religiosos e culturais no contexto amazônico são complexos, plurais e fragmentados” – repetimos – então a reflexão sobre os espaços que cada indivíduo ocupa em determinada época possibilitaria a interpretação de uma identidade social e, quiçá, de uma identidade narrativa erigida pelo conto de Paulo Tarso Barros.

Walter Benjamin (1987, p. 37) ressalta que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”, por isso que o conto nos possibilita em sua leitura a busca por esse sujeito constituído por experiências adquiridas através de acontecimentos que na intriga da vida de João Damasceno se tornaram notáveis. Nesse sentido, sua identidade é uma identidade narrativa que se situa na confluência entre a narrativa de ficção e a histórica, que aqui juntamos no cruzamento daquilo que é efabulado e aquilo que é tradição, memória e mentalidade para o povo da região amazônica, assim entender os conceitos de mesmidade e ipseidade operacionalizados na interpretação dessa narrativa e como estes se relacionam entre si gerariam a percepção perspectivista de uma continuidade dos fatos narrados e o compromisso com a mudança de subjetividade adquirida.

## **PERCURSO SIMBÓLICO-SOCIAL DOS BENZEDORES NO CATOLICISMO POPULAR AMAZÔNICO**

<sup>6</sup> Devemos a Paul Zumthor (2007) o conceito de “performance” – e congêneres – que empregamos neste estudo como uma ação simbólica complexa pela qual a mensagem é simultaneamente transmitida e percebida em ato elocutório dialógico que se realiza em jogo linguístico verbal e corporal nos ritos religiosos praticados por benzedores.

A prática de benzeduras na região amazônica abarca ontologias e percepções oriundas de povos ameríndios<sup>7</sup> e africanos, que, mediante o processo de hibridação e mestiçagem, assomou-se a práticas e ritos religiosos do catolicismo, balizando traços identitários na mentalidade e na memória histórico-social dos povos da região. Seguindo Geertz (1997, p. 66), entendemos que o significado de benzer está ligado intimamente à cultura, à proporção que a compreendemos como uma espécie de texto no qual se coaduna “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”, numa órbita simbólica de cunho performático tornada em tradição sob a qual sinais identitários se matizam mediante a ação de discursos religiosos, de perspectivas, de ação de poderes (o benzedor adquire caráter de protagonismo político, cultural, social e religioso em seu grupo), de concepções de si e do outro, de concepções do natural e do sobrenatural, que regulam o viver comum dos agrupamentos sociais.

Nesses agrupamentos, os benzedores são conhecidos como sujeitos que estão a serviço da comunidade, na condição de relações culturais e históricas advindas de um processo contínuo demarcado como uma missão de vida. O benzedor transmite a benção, a *bendição*, que, por extensão, se performatiza em proteção, em invocação do bem àquele que o pede e/ou que dele precisa, em invocação de saúde, na confiança de que se alcançará o desejado pela ação da solidariedade e da fé nessa missão que une crenças e saberes, práticas e performances, conhecimentos de plantas de poder e de ritos e orações canônicos e tradicionais, empregados com a finalidade de curar doenças, afastar más energias, prevenir a morte e as ações do destino, levando o bem através de orações àqueles que necessitam, ressignificados no *ethos* de um catolicismo popular amazônico. Cascudo (2000, p. 276) toma esse mote para designar esse *ethos* no catolicismo popular, definindo o benzedor (que no texto é equiparado ao rezador) como “indivíduo com poder de proteger as pessoas contra as doenças e outros males pela reza”, além de fazer referência ao uso

7 Empregamos aqui o conceito de “ameríndio” seguindo os escritos de Eduardo Viveiros de Castro (2008; 2017) que define uma simbólica perspectivista ameríndia como uma concepção cosmogônica própria de manifestação, compreensão e interpretação identitária.

de beberagens, emplastos, purgantes e chás, além de as orações e rezas que vão recitando durante o ato performativo.

Reis e Pereira (2020, p. 276) interpretam esse *ethos* como sinais identitários cristalizados na mentalidade dos povos amazônicos, tendo em vista que “o catolicismo popular amazônico se matiza por uma mentalidade residual que ressignificou sinais identitários dessas etnias [afroameríndios e europeus] no *ethos* de seus praticantes, gerando um discurso polifônico, heteroglóssico<sup>8</sup>, no qual a voz destes fiéis ecoa as vozes de forças sociais e históricas ressoantes (...)”. E, ancorados nos escritos de Raymundo Heraldo Maués, complementam

o catolicismo popular é uma das marcas da Igreja Católica na Amazônia. A devoção aos santos, romarias, terços, quermesses, novenários, festividades, promessas, ladainhas, missas, procissões – marcadores dessa identidade – são elementos que não podem faltar nos festejos católicos das comunidades urbanas e rurais. Os padres, numa busca de controle do discurso à homogeneidade, tentam controlar as práticas oracionais, a organização dos festejos e outros elementos justificando que as atividades católicas não podem adotar elementos profanos, entretanto nos festejos populares os elementos da espiritualidade católica, mesmo realçados, convivem com práticas e crenças tradicionais das comunidades, demarcando em missas, batismos, casamentos, festas e catequeses os elementos afro-ameríndios residuais, redivivos e ressignificados. (REIS; PEREIRA, 2020, p. 279-280).

O catolicismo popular, como instrumento ressonante de mentalidades, corporifica-se a partir de simbologias histórico-sociais cristalizadas que influenciam o discurso performático das práticas dos benzedores, pois eles tornam em tradição as marcas identitárias de seus desempenhos. Brandão (1980) escreveu:

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e do domínio popular dos subalternos. (BRANDÃO, 1980, p. 15).

A análise das tradições e representações religiosas dos grupos sociais amazônicos nos possibilita a aquisição de um fio investigativo que nos apresenta à interpretação os costumes e influências acumuladas e compartilhadas na região como significados inscritos em perspectivas que,

<sup>8</sup> Empregamos aqui o conceito bakhtiniano como a voz manifesta pela interação de múltiplas e heterogêneas perspectivas individuais e sociais, como um conjunto de formações verboaxiológicas. (BAKHTIN, 1981, p. 270).

em origem, seriam plurais, mas que na região se cristalizam em um discurso uníssono das camadas populares que reverberam sua identidade nas crenças e práticas ritualísticas. Se tomarmos a definição de Geertz (2008, p. 4) como parâmetro de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” poderemos compreender o percurso simbólico-social dos benzedores no catolicismo popular amazônico à memória e à mentalidade, à identidade e ao papel histórico-social e cultural no imaginário desse povo, tendo essas esferas de representação simbólica, como uma narrativa, como um texto no qual “a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas” (HAMPÂTÉ BÂ, 1982, p. 182).

As práticas de benzeduras recorrem às práticas religiosas para legitimar seu ofício na comunidade, pois é no catolicismo popular amazônico que se forja o forte elo entre os partícipes desse ato performático, porque se faz necessário que o benzido creia nos poderes atuantes para que se concretizem as dinâmicas moventes do rito. O conto em estudo exemplifica essa relação:

Seríssimo nessas horas, escutava com atenção o que lhe dizia Zé Ovos e procurava, ao mesmo tempo, resolver o problema do amigo.

– Zé, você acredita em “coisas”?

– Que “coisas, seu João?

– Essas porcarias que mandam fazer para atrapalhar a vida, os negócios, a família? O homem respondeu que não acreditava nem tampouco descreditava. Mas Damasceno tentou fazê-lo compreender:

– Bem, na minha opinião isso só pode ser mau-olhado.

O caboclo, assaz sugestível, começou a acreditar nos argumentos e suposições que lhe foram apresentados. E Damasceno, para aumentar ainda mais as convicções de Zé Ovos, prontificou-se a ajudá-lo a combater o azar que pairava sobre a armadilha. Usaria, para isso, uma oração poderosa. Solicitou ao amigo que providenciasse a espingarda e alguns galhos de vassourinhas. (BARROS, 1993 apud LOPEZ, 2001, p. 114-115).

A intriga narrativa de “O benzedor de espingarda” repercute a tradicional sabedoria popular através de sua efabulação, demarcando a identidade amazônica nas vozes que se fazem ouvir em seu discurso heteroglóstico afroameríndio e europeu de uma coletividade subjetiva actante como autor-criador integralmente envolvido na geração ativa de um novo enunciado concreto no rito que se assume como serviço em resposta às necessidades da comunidade. Zé Ovos requeria auxílio que estava além das mãos do homem comum, por isso a ação do divino se fizera mister às soluções da intriga... Damasceno, como intermediário entre o físico e o metafísico,



adquirira “status social” com a performance bem-sucedida, o que geraria modificação de sua subjetivação identitária de si para si e de si para a comunidade, tornando-se modelo de “identificação cultural”:

Com aquele fato novo incluído no seu curriculum, subiu a dez o cartaz de João Damasceno. Daquela vez foi justamente presenteado por Zé Ovos. Ganhou, entre outras coisas, dois perus, um leitão e um paneiro de farinha.

Dois meses depois, numa bela manhã mearinzense, apareceu na porta de sua casa um senhor muito sério, trazendo consigo um jegue com as cangalhas de espingardas, que era “mode seu João Benzer”. (BARROS, 1993 apud LOPEZ, 2001, p. 115-116).

Os benzedores surgem como importantes atores para as comunidades amazônicas numa época de poucos recursos tecnológicos e humanos, na qual serviços e insumos essenciais à saúde (como hospitais, médicos, enfermeiros e medicamentos) eram escassos, daí a representatividade que esses assumiam pelo domínio de conhecimentos, saberes e perspectivas afro-ameríndias do uso de plantas medicinais em unguentos, banhos e beberagens, em ritos de cunho xamânicos, assim como em ritos e orações trazidas por padres e missionários que se cristalizaram num discurso pragmático de medicina popular e em discurso simbólico de ritos católico-populares. Contudo, seguindo os preceitos da identidade narrativa, sua identidade não pode ser compreendida como estanque, como imutável, e hoje, como actantes na história dos povos ribeirinhos amazônicos, mesmo demarcados pela ipseidade, a promessa da mesmidade de sua constituinte de tradição se manifesta na mediação simbólica que converge para sua subjetivação identitária.

Como conhecedores da cura e da proteção, adquirem os benzedores prestígio por ser, no imaginário popular, detentores de um poder sobrenatural. O serviço prestado à comunidade, como baliza de vivência, os fazem ser identificados como “o sujeito que cura por meio de orações, simpatias e remédios naturais em sua própria casa, sem cobrar por isso” (MOURA, 2009, p. 26); os detentores de um dom que se transmite; os sujeitos de práticas performáticas ritualísticas; os guardiões de memórias e os atores de lembranças comunitárias; a proteção da comunidade contra o mal; e os detentores de poderes simbólicos e histórico-sociais comunitários. Ressaltamos que estes caracterizadores não se chocam entre si na constituição identitária dos benzedores, ao contrário, encontram-se e se complementam pacificamente no *ethos* comunitário. As palavras de

Ricoeur (2006, p. 262) bem nos explicam esse processo: “ser reconhecido [...] seria para cada pessoa receber a garantia plena de sua identidade graças ao reconhecimento por outrem de seu império de capacidades”.

Nesse aspecto, o reconhecimento por outrem das capacidades sobrenaturais dos benzedores no catolicismo popular amazônico lhes possibilita o papel de protagonistas em esferas de representação sociologicamente criadas, manifestadas na cultura popular como discursos performáticos simbólicos culturalmente estabelecidos no imaginário dos grupos em que atuam, por carregarem em si um modo próprio de reproduzir e balizar suas “experiências e vivências” no serviço comunitário.

### **A IDENTIDADE NARRATIVA NO CONTO O BENZEDOR DE ESPINGARDA**

A epígrafe com a qual abrimos este artigo, “não se tornam as vidas humanas mais legíveis quando são interpretadas em função das histórias que as pessoas contam a seu respeito?”, torna-se chave para a compreensão do conceito de subjetividade defendida por Paul Ricoeur (2014) em “O si-mesmo como um outro”, cuja natureza se pauta por uma condição antropológica, e não metafísica, mediada pela alteridade na interpretação de símbolos e narratividades nas quais marcas socioculturais e históricas se coadunam.

O ponto de partida desse conceito ricoeuriano de subjetivação se encontra na mediação entre o indivíduo social, reconhecido e interpretado como integrante de um grupo, porquanto de si para o outro e o indivíduo de si para si, autônomo, independente. A mediação que se resulta desse encontro geraria uma terceira manifestação do indivíduo, o que se reconhece como um outro, o si mesmo como um outro, aquele que busca interpretar a si na expansão de um si mesmo reflexivo.

No terceiro volume de “Tempo e narrativa”, Ricoeur (1997) afirma que o indivíduo ou uma comunidade tem uma identidade específica que é por si só narrativa<sup>9</sup>, o que evoca a significação de que toda identidade pode ser manifesta através de um texto, ou seja, pode ser

9 A noção de identidade narrativa mostra ainda a sua fecundidade no fato de que ela se aplica tanto à comunidade quanto ao indivíduo. (...) indivíduo e comunidade constituem-se em sua identidade ao receberem tais narrativas, que se tornam para um e outro sua história efetiva. (RICOEUR, 1997, p. 425).

apreendida mediante materialidade linguística em configurações discursivas, porque o texto permitiria a mediação entre intrigas (do mundo vivido quanto do mundo narrado) ao se configurar em múltiplas semioses no ato de narrar. A identidade, nesses termos, se perfaz como categoria prática na narrativa (quem fez tal ação? Quem é seu agente? Seu autor?), como a narrativa de ações<sup>10</sup> em determinado contexto histórico-cultural organizado por uma intriga (que teria mesmo a função de organizar tudo aquilo que está posto como constitutivo da narrativa).

A identidade narrativa tem por origem a “interpenetração da história e da ficção, oriunda dos processos cruzados de ficcionalização da história e da historicização da ficção” (RICOEUR, 1997, p. 424), numa dialética do entrecruzamento que a um só tempo apresenta aquilo que é e aquilo que poderia ser, em mediação entre o mundo do texto e o mundo do leitor. A perspectiva da história ficcionalizada refigura o real pelas amarras da intriga, buscando o traço de organicidade e de organização da narrativa, humanizando o tempo porque se lhe atribui sentido. A perspectiva da historicização da ficção requer que o leitor imagine seu mundo como se fosse o mundo do texto, a fim de se refigurar sua experiência.

Nessa perspectiva, as palavras de Ricoeur parecem dialogar com as de Hall (2000), que não apontava ao entendimento da identidade como algo permanente, idêntico-a-si-mesmo através do tempo, como um senso rigoroso de si, porém como sujeito de um processo de identificação desprovido de núcleos estáveis, mas articulados por tecidos em contextos históricos e práticas discursivas específicas geradoras de significações e de marcadores identitários. O reconhecimento destes geraria o significado como manifestação de um senso de identidade, assim, se os textos apresentam significados ou potencialidades de significação então qualquer interpretação do texto providencia sempre uma interpretação de si mesmo ao leitor.

No conto de Paulo Tarso Barros, procuramos encontrar essa interpenetração da história e da ficção, a fim de compreender quem é o indivíduo reconfigurado em sujeito em sua narrativa e quem são os benzedores da Amazônia que foram relidos, cristalizados e ressignificados na

10 “A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros”. (HALL, 1997, p. 16).

benzedura da espingarda, assim como se busca compreender o contexto sócio-histórico, cultural e econômico como referência que influencia a organização da intriga.

Em “O benzedor de espingarda” João Damasceno procede, quando se lhe apresenta a necessidade de ação, como benzedor que até então não era, pois fora astuto em identificar a causa do problema do amigo e certo na resolução. É a necessidade do outro que mobiliza o querer fazer de Damasceno, o que teria lhe despertado o Dom, porquanto o que lhe geraria a competência de agir, e que, por extensão, propiciaria a interpretação da identidade narrativa que assumiria no desenvolvimento do enredo narrativo e a identidade narrativa dos benzedores, que se corporificaria na esfera simbólica despertada pela tradição do catolicismo popular. Conforme Mariana de Carvalho Ilheo (2017, p. 13), “a iniciação ritual pode ocorrer através de revelação religiosa; transmissão hereditária via oralidade, principalmente entre mulheres; e por experiência adquirida”, por isso o ato dialógico imanente às práticas de benzeção seria entendido como sendo uma condição herdada ou alcançada através do elo com a religião, com o metafísico, pois o sujeito necessitaria estar ligado com ao divino para possui este dom. No conto, contudo, o benzedor não apresenta essa relação hereditária, que o dom lhe aparece como um tipo de “revelação”, não estando ligado previamente ao divino.

Para Woodward (2014, p. 09), “a identidade [...] depende de algo exterior a ela para existir, de uma identidade que ela não é, logo, diferente da mesma”. A identidade narrativa é continuamente reconstruída a partir da alteridade, da referência ao outro, ao diferente de si, porque o si do conhecimento de si, para Ricoeur (1997, p. 425), não é o eu egoísta e narcísico, porém o fruto de uma vida examinada, “depurada, explicada pelos efeitos catárticos das narrativas tanto históricas quanto fictícias veiculadas por nossa cultura”. João Damasceno não chegara à casa de Zé Ovos como sujeito detentor do status social imanente às práticas de benzeduras, tampouco detentor da representatividade e do serviço que seriam ulteriores à tradição, ao contrário, seu caminho se iniciara por fins puramente pragmáticos, “em missão política e comercial, quando houve a tal revelação” (BARROS, 1993 apud LOPEZ, 2001, p. 114). A intriga do conto fora o que despertara a subjetividade adquirida pelo protagonista, mediante um processo de expansão identitária gerador de um *dever* e de uma movência do indivíduo a um si mesmo reflexivo.

A subjetividade adquirida viera por intermédio do reconhecimento que Zé Ovos fizera de João Damasceno, num exercício de alteridade, quando esse testemunhara, acompanhado de alguns matutos, aquilo que, talvez, seja o caractere mais emblemático dos benzedores amazônicos, o serviço pela ação da fé. Enquanto o protagonista punha em ação sua prática ritualística, Zé Ovos segurava a arma e observava impressionado tudo que acontecia, o que lhe suscitara mais do que espanto, porém admiração, respeito e reconhecimento daquele que antes lhe era tão somente um indivíduo per si e que se transformara em indivíduo pertencente a um grupo, porque se lhe instaurara com o rito toda uma esfera simbólica de representação social: “– Seu João, eu desconhecia esse dom na sua pessoa, dissera-lhe o caboclo, todo cerimonioso” (BARROS, 1993 apud LOPEZ, 2001, p. 115).

A representação dada aos benzedores da Amazônia no conto traz ao mundo do texto marcas identitárias que são específicas e distintivas ao grupo, que permitiram ao Zé Ovos (re)identificar Damasceno pelo emprego do dom ao serviço. Ao benzedor neófito, o dom também fora uma surpresa, porque o conhecimento para a ação performática lhe sobreveio sem preparação, sem que sequer tivesse ciência dos porquês dos componentes da prática discursiva que se instaurava. Para haver reconhecimento, “a identidade nunca é um a *priori*, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade” (BHABHA, 2013, p. 85), moldada no afã de sua plenitude. A percepção identitária buscava traços que permitissem reconhecer algo como sendo o mesmo, uma mesmidade alijada do tempo, uma promessa de permanência, contudo o processo identitário que envolvia Damasceno não poderia permitir que sua identidade permanecesse estanque. A ação da intriga movera os acontecimentos, gerara um tempo humanizado que seria repetido e ressoado na comunidade pelo relato das testemunhas... O benzedor de espingarda nascera para a comunidade porque se instaurara uma identidade ipse que findara com os princípios da mesmidade, a estabilidade, a ausência de mudança e a imutabilidade dele. Nesse seguimento, a mesmidade seria entendida como uma continuidade de características imputadas ao sujeito, mas o sujeito outro já o era, um si mesmo como um outro.

A identidade narrativa de João Damasceno é constituída nos polos da mesmidade e da ipseidade, essencialmente confirmada pela intriga que organiza a narrativa e que operacionaliza os elementos moventes que a narrativa submete ao tecido discursivo identitário. O ato de benzer com

o auxílio de orações e plantas continua idêntico ao praticado pelos benzedores amazônicos, portanto o discurso performático ulterior à prática seria um expositor de mesmidade. Entretanto, o novo benzedor que se apresentava na narrativa se apoderava daquilo que era tradição para demarcar uma nova representação constituída, uma ipseidade alicerçada na mesmidade. “É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p. 109). A ipseidade, nesses termos, traz um entendimento sobre a identidade narrativa que seria, paradoxalmente, a manutenção da palavra dada, da promessa, porque o discurso dos benzedores permanecia, entretanto a ipseidade trazia uma nova inspiração um renovado no ato de benzer remodelado por seu produtor e por seu objeto. Nesse seguimento, a ipseidade traz para a identidade narrativa uma nova especificidade, o modo de ser no tempo.

Ao operacionalizar a mesmidade e a ipseidade na constituição de uma identidade narrativa estaríamos dando plena expansão de uma teoria dialética, numa configuração em que se pretende alcançar uma interpretação reflexiva identitária de João Damasceno. O *recém*-benzedor traria manifesto essa identidade reflexiva que se apresentaria maturada na alteridade, ressignificada na esfera de representação simbólica dos benzedores amazônicos, pois a identidade assumida pelo protagonista maturaria, insistimos, a história ficcionalizada e a ficção historicizada pela ação da mediação interpretativa.

Damasceno, quando o conhecemos, não tinha ciência de seu saber-fazer, tampouco de seu poder-fazer, e, mesmo com o sucesso de sua benzedura, ainda demoraria a compreender a mudança que se apresentava:

Quem não entendeu a obra foi o seu autor. Damasceno passou muito tempo matutando sobre o acontecimento e guardando, no mais íntimo do seu ser, as suas apreensões. Por aquela ele nunca esperava, pois a tal ideia de benzer a arma surgiu na hora. A patacoada teve como finalidade agradar o amigo entristecido. (BARROS, 1993 apud LOPEZ, 2001, p. 115).

Em “O benzedor de espingarda” a simbólica do catolicismo popular amazônico é ressignificada através da identidade narrativa arquitetada pela intriga desenvolvida no conto de Paulo Tarso Barros. Mesmo que Damasceno não se reconhecesse como pertencente à comunidade

dos benzedores amazônicos, tampouco tivesse ciência das potencialidades que se lhe apresentavam, o saber-fazer e o poder-fazer, a historicização ficcionalizada de sua vida lhe despertara as condições necessárias à prova qualificante a qual se submetera, porque *quisera* auxiliar, assim assumira o *dever* de auxiliar, para isso recebera o *poder* e o *saber* necessário para auxiliar.

O homem pragmático que iniciara o texto não mais existia ao final da narrativa. O tempo tratara de lhe condicionar para a mudança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

João Damasceno, o benzedor de espingarda que nos fora apresentado por Paulo Tarso Barros, assumira status social na comunidade com a identidade adquirida, porque seu reconhecimento como intermediário entre o mundo físico e sobrenatural através do dom que demonstrara o potencializara a atuar em seu novo ofício na comunidade. Esse poder de agir nas práticas dialógicas do catolicismo popular amazônico concentraria componentes de ação comunal, que seu reconhecimento como benzedor mobilizaria e constituiria representações solidárias, tradicionais, identitárias e simbólicas, forjadas na mentalidade e manifestas no ato performático de seus ritos.

As representações são “mediações simbólicas que contribuem para a instauração do vínculo social; elas simbolizam identidades que conferem uma configuração determinada a esses vínculos sociais em instauração” (RICOEUR, 2006, p. 149), por isso esse novo vínculo instituído entre Damasceno e a comunidade se erigira da crença, da confiança, que a performance ritualista dos benzedores requer a fé nos poderes atuantes nesta.

A identidade narrativa que se instaurara no conto nos revela traços da subjetivação alcançada por Damasceno, é verdade, contudo a história de uma vida passara também a representar a história de um povo, de uma comunidade, de uma coletividade, na interpretação advinda de seu novo papel que se balizava naquilo que o grupo elegera como baliza... Nesse viés, essa nova interpretação refletiria na perspectiva que o leitor empregava como conhecimento de mundo no que se refere à representação dos benzedores da Amazônia, maturando seu

entendimento/interpretação através de um texto socialmente construído, um arquivo efabulado e ressignificado da história do processo de produção/reprodução cultural.

O intuito deste estudo foi refletir a respeito da identidade narrativa como forma de compreender os elementos utilizados na composição dessa nova identidade. A mediação entre os polos da mesmidade e da ipseidade constituíram esse novo olhar, porque se de um lado tínhamos a promessa de uma representação tradicional dos benzedores, doutro passamos a compreender as transformações identitárias alcançadas no tempo, moventes de um devir, constituintes de um discurso manifesto em locais históricos e condicionantes específicos, em práticas discursivas específicas.

A partir desses, a identidade narrativa representada no conto instituirá-se por parâmetros culturais, valores, marcos religiosos, experiência e imaginário mesclados e sobrepostos, maturados, por uma reflexão interpretativa que suscitava engajamento e compromisso. O sujeito João Damasceno, então benzedor, poderia ser reconhecido no tempo, apesar das transformações que sofrera, entretanto ele agora se tornara receptáculo de uma simbólica que ampliara sua representação que fazia com que ele passasse a ser reconhecido também como marco identitário da coletividade da qual fazia parte.

Reconstruir e reconhecer a figura do benzedor por intermédio do conto de Paulo Tarso nos evocou a escuta das vozes heteroglóssicas no discurso performático dos benzedores no catolicismo popular amazônico, cujo *ethos* ecoa perspectivas afroameríndias e europeias cristalizadas na região, gerando uma percepção de mundo multívoca, porque híbridas e mestiças identidades. Ao concatenar perspectivas nesse mundo do texto, o autor pôs em relevo representações oriundas de pontos distintos, mas geradoras de uma nova que, mesmo tendo parentesco com aquelas que as originaram, não era aquelas representações que elas foram... uma voz nova ressoava uma nova representação.

Em “O benzedor de espingardas” o benzedor passara a ser reconhecido pelo leitor como subjetividade representante de uma comunidade actante em esferas de representação; o catolicismo popular amazônico passara a ser reconhecido como manifestação identitária do povo amazônico; e a coletividade amazônica, por sua vez, passara a ser reconhecida por este leitor como *animus* simbólico na mediação identitária narrativa entre a história ficcionalizada e a ficção historicizada em sua intriga. A expressividade desse mundo amazônico narrado é o que faz a ligação



entre sua natureza e o sentido que dá a entender... O mundo de seu texto tornara-se tão somente o significado de seu texto, porque fora mediado pela ação interpretativa na refiguração do real.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Discourse in the novel. *In*: HOLQUIST, Michael (edit.). *The dialogic imagination: four essays by M. M. Bakhtin*. Austin: Texas University Press, 1981. p. 259- 422.
- BARROS, Paulo Tarso. A militância literária de Paulo Tarso Barros. Entrevista concedida à Júlio Miragaia. *Selesnafes.com*, Macapá, 2019. Disponível em: <<https://selesnafes.com/2019/02/entrevista-l-a-militancia-literaria-de-paulo-tarso-barros/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Obras Escolhidas; v. 1).
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Editora S.A., 1980.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Encontros*. São Paulo: Beco do Azougue Editorial, 2008.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2017.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. São Paulo: Vozes, 1997.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomás Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; Unesco, 1982. p. 167-212. (Coleção História Geral da África da UNESCO; v. 1).

ILHEO, Mariana de Carvalho. *Tradição e prática: um estudo etnográfico do benzimento em Campestre (MG)*. Monografia (Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2017.

LOPEZ, Rachel. Uma proposta de análise semiolinguística do conto “O benzedor de espingarda”. *Moara: revista dos cursos de pós-graduação em letras da UFPA, Belém*, n. 15, p. 111-131, jan./jun. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3135/3591>>. Acesso em: 04 set. 2020.

MOURA, Elen Cristina Dias de. *Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. O eu e o outro ou “eu quero saber se meu cabelo é igual ao seu”. In: PEREIRA, Marcos Paulo Torres et al (orgs.). *Pós-colonialismo e literatura: questões identitárias nos países africanos de língua oficial portuguesa*. Macapá: UNIFAP, 2017.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. *Rastro de onça no romance “D’a pedra do reino”: a mitificação de uma simbólica perspectivista*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, [2021?]. No prelo.

REIS, Marcos Vinicius Freitas; PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Perspectivismo ameríndio nos discursos mitificados do catolicismo popular na Amazônia. *Diálogos*, Maringá, PR, v. 24, n. 2, p. 275-291, mai./ago. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/53663>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP: Papyrus, 1997. v. 3.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



*Submissão: 27 de dezembro de 2020*

*Avaliações concluídas: 03 de janeiro de 2021*

*Aprovação: 04 de janeiro de 2021*

### COMO CITAR ESTE ARTIGO?

PEREIRA, Marcos Paulo Torres; ALVES, Hozana de Araújo. O benzedor de espingarda: um olhar sobre a cultura amazônica. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 20, n. 2, p. 1-19, e-200213, jul./dez., 2020. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>